ISBN: 978-989-8525-13-0

Promoção da parentalidade positiva: Estudo exploratório sobre a aplicação de um programa em contexto escolar

Catarina Faria (catarinapfaria@hotmail.com), Isabel Melim Camacho, Ana P. Antunes & Ana Tomás de Almeida

Universidade da Madeira; Direção Regional da Educação da Região Autónoma da Madeira; Universidade do Minho

Resumo: A família constitui o contexto interpessoal principal para o desenvolvimento humano. A qualidade das interações entre pais e filhos, as suas vivências e os cuidados básicos de segurança e saúde, têm uma profunda influência no desenvolvimento e na saúde mental das crianças. Assim, os programas de educação parental têm recebido especial destaque por se basearem na promoção do desenvolvimento e bem-estar das crianças, através do apoio e fortalecimento do desempenho dos papéis parentais. Tendo em conta as idiossincrasias familiares dos alunos que frequentam a Escola B2/3 do Curral das Freiras, o Serviço de Psicologia e Orientação implementou, ao longo de 4 meses, 10 sessões do programa "Viver a Adolescência em Família: Programa Psicoeducativo para Promover a Convivência Familiar" (López, Quintana & Chaves, 2010) junto de um grupo de 13 encarregados de educação de alunos do 2º Ciclo, tendo-se realizado uma avaliação pré e pós teste, através da aplicação do Questionário de Estilos Parentais (Robison, Mandleco, Olsen & Hart, 2001) e do Índice de Stress Parental (Abidin, 2003). Discutem-se os resultados encontrados e o carácter pioneiro desta experiência de formação, uma vez que, constitui o primeiro contributo na área da formação parental nesta escola rural, marcada pelo fraco envolvimento parental e famílias em risco.

Introdução

Os pais tradicionalmente constituem os primeiros prestadores de cuidados, os organizadores, os modelos de comportamento, os disciplinadores e os agentes de socialização dos filhos. O papel ímpar que os pais desempenham na determinação da trajetória desenvolvimental dos filhos reforça a importância de formar, informar, educar e reeducar, ou somente apoiar os pais neste processo de educação. Além disso, as capacidades parentais construídas através das experiências no trajeto de vida definidas como parentalidade, podem ser frequentemente percecionadas pelos pais como deficitárias em relação às exigências dos filhos dando origem a uma série de dúvidas e inquietações. Neste sentido, os programas de formação parental permitem que os pais possam também melhorar os seus níveis de informação e fortalecer as suas capacidades e competências, otimizando os seus recursos (Coutinho, 2004; Xavier, 2011).

Embora a intervenção organizada e intencional na parentalidade seja importante na modificação das competências parentais e, em consequência, dos comportamentos e desenvolvimento dos filhos, a sua aplicação através de programas é algo relativamente recente (Coutinho, 2003).

O estudo sobre a parentalidade iniciou-se na década de 60 através das investigações de Diana Baumrind (1971) que realizou a identificação dos vários estilos educativos parentais, que se tornaram num dos mais populares modelos nesta área. Durante este período de tempo, o

ISBN: 978-989-8525-13-0

paradigma vigente era a favor de abordagens educativas punitivas, no entanto, na década seguinte por influência da Psicologia Positiva procurou-se focar a realidade de uma forma afirmativa e não problemática, reforçando a crença nas capacidades e sucessos dos pais. Assim, nas décadas de 70 e 80 verificou-se um crescente desenvolvimento de programas de formação parental reflexo da sua crescente popularidade e aceitação na comunidade científica (Ribeiro, 2003; Cruz & Ducharne, 2006).

Em Portugal, assiste-se a uma mudança e a um incremento no desenvolvimento de iniciativas de apoio aos pais, embora segundo Ribeiro (2003) haja um profundo desconhecimento parental acerca do tipo de apoio que estes programas de formação podem promover. Numa investigação de avaliação de intervenções em educação parental em Portugal, verificou-se que entre 2007 e 2010 foram realizações 68 edições deste tipo de programas que envolveram 609 pais (Abreu-Lima, Alarcão, Almeida, Brandão, Cruz, Gaspar, & Santos, 2010).

Os quatro estilos parentais, que podem ser definidos como um conjunto de atitudes e conceções parentais que originam um ambiente emocional específico no qual a figura parental age de uma determinada forma, apresentam uma relação direta com o padrão de vinculação, o desempenho escolar, a competência social e comportamental e maturidade psicossocial do adolescente. As práticas educativas parentais exercidas com maior frequência estão em concordância com o seu estilo parental (Ferreira, 2008).

O estilo parental autoritário é caracterizado pela comunicação escassa e não estimulada, manifestação pouco frequente de afetos, tentativa de modelagem de comportamento e controlo por parte da figura parental, valorização da obediência absoluta à autoridade e imposição de elevadas exigências. O estilo parental permissivo situa-se no outro extremo, uma vez que, distingue-se pela ausência de normas, pela tolerância da criança, atitudes afetivas, comunicação positiva, desencorajamento da obediência e evitamento de atitudes de controlo por parte da figura parental.

O estilo parental autoritativo surge quando existe uma figura parental que estabelece limites e normas de comportamento, um ambiente afetivo, uma comunicação positiva, uma imposição de elevadas exigência de maturidade à criança levando em consideração as suas necessidades, interesses e capacidades. Mais tarde, foi ainda identificado um quarto estilo parental denominado negligente/pouco envolvido caracterizado pela falta de capacidade dos pais serem sensíveis às necessidades emocionais e de afetos dos filhos e de se assumirem como protagonistas na afirmação de normas de conduta e de valores morais, com risco de serem rejeitantes.

ISBN: 978-989-8525-13-0

Tem sido verificada uma mudança clara nos estilos parentais, sendo que as práticas autoritárias têm sido substituídas pelas práticas autoritativas ou democráticas, o que se reflete num modelo familiar baseado na negociação e não no controlo. Esta alteração pode ser explicada por um nível de educação mais elevado, pela emancipação das mulheres e pela democratização das relações entre géneros (Cruz & Ducharne, 2006).

No contexto atual, os pais estão sujeitos a várias fatores que podem influenciar de forma negativa as suas práticas educativas como, por exemplo, o pouco tempo disponível para a vida familiar, modelos familiares nefastos e não promotores da capacidade de sentir empatia para com as necessidades dos filhos, instabilidade no casal geradora de frequentes conflitos, monoparentalidade e hipervalorização do papel da mãe. Além disso, as famílias que se inserem em contextos de risco com a existência de situações de pobreza, violência doméstica ou abuso de substâncias encontram desafios especificamente complexos pelos parcos recursos que possuem para o desempenho da sua função parental. As exigências da parentalidade podem produzir uma reação psicológica negativa que se manifesta através de sentimentos negativos em relação a si mesmo ou à criança (Baião, 2009; Ferreira, 2008; Honig, 2000).

Do mesmo modo, os pais que se encontram social e geograficamente isolados, que apresentam habilitações literárias baixas que os impedem de dar o apoio escolar ajustado aos filhos e de se envolverem com as escolas, que estão desempregados e que têm crianças com necessidades educativas especiais ou com problemas de comportamento/emocionais são identificados como um público-alvo de alta prioridade para a intervenção parental (Mann, 2008).

A formação parental está geralmente estruturada em programas constituídos por sessões com objetivos e estratégias pré definidas. Os programas de formação parental resultam em um maior conhecimento dos pais, melhoria na prestação de cuidados, melhoria na relação pais filhos e aquisição de habilidades particulares por parte dos filhos (Coutinho, 2004).

No entanto, a avaliação da eficácia de um programa de formação parental constitui um aspeto controverso devido à impossibilidade de replicar o programa, às características do grupo de controlo, às desistências que ocorrem durante o programa e a não utilização de observadores independentes na fase de avaliação. Além disso, existem outras variáveis que podem influenciar a mudança de perceções e comportamentos dos pais como, por exemplo, as modificações de desenvolvimento na criança ou a frequência de contextos educativos extrafamiliares (Cruz & Ducharne, 2006).

ISBN: 978-989-8525-13-0

O programa "Viver a Adolescência em Família: Programa Psicoeducativo para Promover a Convivência Familiar" (López, Quintana & Chaves, 2010) foi o primeiro programa de formação parental implementado pelo Serviço de Psicologia e Orientação da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos do Curral das Freiras, localizada no concelho de Câmara de Lobos. Este programa tem como objetivos apoiar e potenciar o exercício da parentalidade e da vivência positiva da adolescência, promover o desenvolvimento pessoal dos pais e dos adolescentes, favorecer os fatores de proteção e reduzir os riscos mediante a satisfação das necessidades dos pais em múltiplos níveis.

O Curral das Freiras é uma freguesia rural com uma oscilação populacional significativa devido aos fluxos migratórios muito presentes na população ativa. As famílias são maioritariamente numerosas, de estatuto socioeconómico baixo e médio-baixo e com poucas habilitações académicas, na generalidade o 1º ciclo. Por apresentarem estas características, os pais da freguesia, de uma forma geral, pertencem ao grupo de alta prioridade para a intervenção parental (DREM, 2011).

Por outro lado, nesta modalidade de intervenção (internacional estandardizada) enfatiza-se uma etapa do ciclo vital das família que implica uma mudança estrutural e funcional na família, uma vez que, os filhos na adolescência procuram emancipar-se, redefinindo a sua identidade e criando novos interesses. Esta dinâmica de afastamento e reaproximação sucessiva realizada pelo adolescente até a idade adulta constitui a fase mais exigente do ciclo vital e pode ser considerado uma ameaça ao sistema. Numa perspetiva preventiva, o programa foi aplicado aos encarregados de educação de alunos do 2º ciclo da Escola que se encontram na fase de transição para a adolescência (Ferreira, 2008).

Metodologia

Objetivos

O principal objetivo do estudo é refletir sobre a eficácia de um programa de formação parental construído a partir de "Viver a Adolescência em Família: Programa Psicoeducativo para Promover a Convivência Familiar" (López, Quintana & Chaves, 2010), aplicado num contexto rural. De uma forma mais específica queremos comparar os resultados dos estilos parentais e o seu índice de stress parental antes e depois da aplicação do programa.

ISBN: 978-989-8525-13-0

Participantes

Inicialmente o programa de formação parental contou com a participação de 13 pais (dois elementos do género masculino e 11 do género feminino), entre os 29 e os 41 anos de idade (M=35,9; DP=3,41).

No entanto, destes 13 elementos, dois deles não compareceram na realização da avaliação inicial e apenas estiveram presentes na primeira sessão. O critério utilizado para a inclusão dos participantes no estudo através da avaliação final foi a participação efetiva no programa de formação parental, ou seja, todos os encarregados de educação que frequentaram pelo menos 50% do programa, ou seja, 5 sessões num total de 10 sessões, o que se traduziu em cinco participantes. Os cinco participantes na totalidade no género feminino têm idades entre os 31 e os 38 anos (M=35,6; DP=6,5). No que se refere às habilitações literárias, o grupo é constituído maioritariamente por sujeitos com o primeiro ciclo incompleto (2), um elemento com o primeiro ciclo completo, um elemento com o segundo ciclo e um elemento com o terceiro ciclo.

Quanto à situação familiar, três elementos são casados, um elemento em união de facto e um elemento separado. A maioria dos participantes (4) é constituída por pais de crianças a frequentar o 2º ciclo, apenas um elemento é mãe de três crianças que se encontram em três ciclos diferentes de escolaridade. O número de filhos por cada participante era dois filhos (2) e um filho (2) e três filhos apenas no caso de um elemento, no total com idades compreendidas entre os 7 e os 14 anos (M=11,5; DP=6,0).

Quanto à situação laboral, três elementos estavam empregados por conta de outrem e dois elementos encontravam-se desempregados. Além disso, dois elementos que frequentaram o programa de formação parental pertencem a famílias sinalizadas pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ).

Instrumentos

Realizaram-se dois momentos de recolha de dados – pré-teste e pós-teste nos quais foram aplicados três questionários a cada participante: *Questionário sociodemográfico*, *Índice de Stress Parental* e *Questionário de Estilos Parentais.*

(a) O *Questionário sociodemográfico* é constituído por questões de resposta rápida inseridas em dois grupos temáticos: variáveis sociodemográficas e psicossociais.

(b) O *Índice de Stress Parental* (ISP) (Abidin, 2003) é instrumento de avaliação psicológica cujo objetivo é a identificação dos fatores de stress existentes no relacionamento entre os pais

ISBN: 978-989-8525-13-0

e a criança, mais especificamente aqueles que usualmente estão associados à ação parental. O ISP é um questionário de autorrelato e de aplicação individual, que pode ser respondido por pais e mães com crianças com idades compreendidas entre 1 mês e os 12 anos, contudo a versão portuguesa é dirigida a uma faixa etária mais restrita, ou seja, crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 10 anos.

A versão final da adaptação portuguesa (Santos, 1992) tem 132 itens, onde o inquirido deverá indicar o seu grau de concordância numa escala de Likert de 1 (concordo totalmente) e 5 (discordo totalmente). Estes itens dividido em dois domínios: Domínio das Crianças e Domínio dos Pais, sendo que estes dividem-se em subescalas. O Domínio da Criança tem como objetivo verificar o impacto que as características da criança exercem nos pais, é constituído por 54 itens, divididos por 7 subescalas: Distração/ hiperatividade, Reforço aos pais, Humor, Aceitação, Maleabilidade de Adaptação, Exigência e Autonomia. A última subescala mencionada existe apenas na adaptação portuguesa, por considerar-se esta uma área geradora de stress tendo sido verificado também alguma dificuldade pelos pais em estimular comportamentos autónomos da criança. No que concerne ao Domínio dos Pais, é feita uma análise às características da figura parental e às variáveis do contexto familiar que afetam a capacidade de resposta dos pais face às exigências do seu papel conta com 54 itens, que se distribuem por 7 subescalas: Sentido de competência, Vinculação, Restrição do papel, Depressão, Relação com o marido/mulher, Isolamento social e Saúde. Este teste inclui ainda uma escala opcional, o Stress de Vida, constituído por 24 itens, avalia os níveis de stress sentidos pelos pais fora do sistema familiar e que pode afetar os níveis de stress sentidos na relação com os filhos (Baltazar, 2009). O ISP manifesta uma boa consistência interna nos domínios da criança, dos pais e no resultado final, sendo os coeficientes Alpha de Cronbach de 0,89; 0,91 e 0,94 respetivamente (Abidin 2003).

(c) *Parenting Style Dimensions Questionnaire* (PSDQ) desenvolvido por Robison, Mandleco, Olson e Hart (1995) é um instrumento de avaliação dos estilos parentais que deve ser preenchido pelos pais e não pelos filhos como era prática habitual, denominado. A tradução e adaptação portuguesa foram realizadas por Santos (2008) e resultou no *Questionário de Estilos Parentas* (QEP).

O QEP versão mais curta (32 itens) é constituído por duas versões idênticas (para mães e para pais), sendo composto por um total de 38 itens, relativos aos três estilos parentais: 15 itens do estilo autorizado, 12 itens do estilo autoritários e 11 itens do estilo permissivo. Os pais são solicitados a sinalizar, numa escala de 1 "nunca" a 5 "sempre", qual a frequência com que os

ISBN: 978-989-8525-13-0

comportamentos indicados nos itens que foram utilizados por si e pela outra figura parental (Santos, 2008).

Procedimentos

Inicialmente, os objetivos gerais desta investigação e o programa de formação parental foram apresentados ao conselho executivo da escola que aceitou e autorizou a realização do estudo. Para a seleção dos participantes foi efetuada uma sessão de apresentação do programa aos encarregados de educação do 2º ciclo da escola, deixando à consideração das mesmas o compromisso da frequência do programa de formação parental e da sua respetiva avaliação. Nesta investigação o ISP e o QEP foram aplicados em dois momentos, o primeiro no início do programa de formação parental em março (pré-teste), e o segundo, em junho, duas semanas após o final do programa (pós-teste). Os questionários foram aplicados tanto em grupo como de forma individual, uma vez que, alguns participantes devido às suas baixas habilitações literárias foram acompanhados no seu preenchimento. O programa que decorreu de março a junho foi realizado em 10 sessões semanais durante o período letivo com a duração média de uma hora e meia.

Apresentação dos resultados

Como a avaliação pré e pós-teste foi realizada em apenas cinco participantes vamos brevemente descrever os resultados obtidos pelo grupo e analisar o desempenho de cada participante individualmente.

Resultados no Questionário de Estilos Parentais

Os resultados obtidos na aplicação do QEP nos dois momentos de avaliação são apresentados no quadro 1.

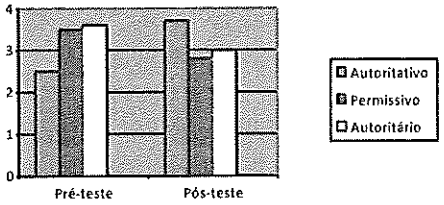
Quadro 1. *Resultados dos pais no QEP no pré-teste e pós-teste.*

						Teste Wilcoxon	
	N	Mínimo	Máximo	M	DP	Z	p
Estilo parental autoritativo: *pré-teste*	5	2,5	4,5	3,8	0,83	-0,736	0,461
pós-teste	5	3,1	4,1	3,5	0,44		
Estilo parental permissivo: *pré-teste*	5	2,2	3,7	2,9	0,73	-0,412	0,680
pós-teste	5	2,5	3,4	2,9	0,39		
Estilo parental autoritário: *pré-teste*	5	2,0	3,8	3,1	0,75	-0,406	0,684
pós-teste	5	2,4	3,5	2,9	0,50		

ISBN: 978-989-8525-13-0

Consultando o quadro 1, observamos que o estilo parental autoritativo apresenta uma média superior em relação aos outros estilos no pré e pós-teste. Verificamos também que as médias obtidas no estilo parental permissivo não registam alterações nos dois momentos de avaliação, enquanto no estilo autoritário e autoritativo existe uma ligeira diminuição dos valores obtidos. Como a avaliação abrangeu um número reduzido de participantes, serão apresentados graficamente os resultados individuais. Seguidamente, na figura 1 são expostos os resultados do sujeito 1 no QEP.

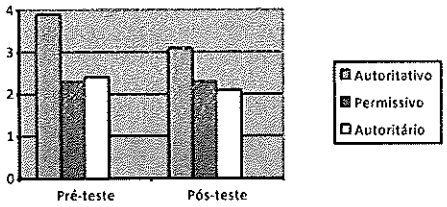
Figura 1. Comparação dos resultados obtidos no QEP pelo sujeito 1.



Na avaliação inicial, o sujeito apresentava como estilo parental dominante o autoritário (M=3,6) com valores muito próximos ao estilo parental permissivo (M=3,5). No fim do programa, o sujeito evidenciou como predominante o estilo parental autoritativo (M=3,7), que se manifesta pelo aumento da frequência de comportamentos relacionados com a responsividade e a exigência entre os dois momentos.

Agora são apresentados na figura 2 os resultados do sujeito 2 no QEP.

Figura 2. Comparação dos resultados obtidos no QEP pelo sujeito 2.

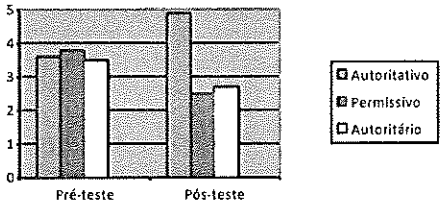


Verificamos na figura 2, que no estilo parental autoritativo o sujeito apresenta médias mais elevadas nos dois momentos de avaliação. Observamos ainda que após o programa, há uma ligeira diminuição das médias referentes a este estilo (M=3,4) e ao estilo parental autoritário (M=2,1).

De seguida são apresentados na figura 3 os resultados do sujeito 3 obtidos no QEP.

ISBN: 978-989-8525-13-0

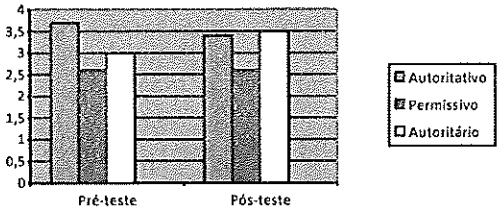
Figura 3. Comparação dos resultados obtidos no QEP pelo sujeito 3.



Constatamos através da figura 3 que na avaliação inicial, o sujeito apresenta como estilo parental dominante o permissivo (M=3,8) mas com valores muito aproximados ao estilo autoritativo (M=3,6) e ao estilo autoritário (M=3,5). No fim da avaliação, verificaram-se mudanças positivas que se manifestaram com aumento dos valores referentes ao estilo parental autoritativo (M=4,9) e uma diminuição dos valores obtidos nos outros estilos (M=2,7;M=2,5).

Seguidamente são apresentados na figura 4 os resultados do sujeito 4 obtidos no QEP.

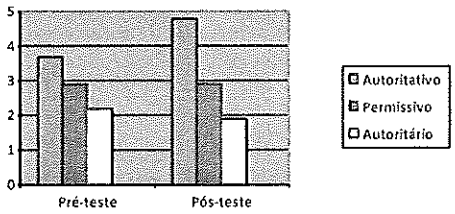
Figura 4. Comparação dos resultados obtidos no QEP pelo sujeito 4.



Observamos que os resultados obtidos pelo sujeito 4 no QEP tiveram uma evolução aparentemente negativa ao longo do programa de formação parental, uma vez que, inicialmente o sujeito apresenta como predominante o estilo parental autoritativo (M=3,9) e na fase de avaliação final apresenta como principal o estilo parental autoritário (M=3). Os resultados obtidos no estilo parental permissivo não se alteraram.

A seguir são apresentados na figura 4 os resultados do sujeito 4 obtidos no QEP.

Figura 5. Comparação dos resultados obtidos no QEP pelo sujeito 5.



Verificamos que na avaliação inicial, o sujeito apresenta como estilo parental dominante o autoritativo (M=3,7). No fim do programa, observamos um aumento deste estilo parental (M=4,8). O estilo permissivo não apresenta modificações durante os momentos de avaliação, enquanto no estilo autoritário há uma ligeira diminuição nos valores obtidos.

Resultados no Índice de Stress Parental

Os resultados obtidos na aplicação do ISP nos dois momentos de avaliação são apresentados no quadro 2.

Quadro 2. *Resultados dos pais no ISP no pré-teste e pós-teste.*

								Teste de Wilcoxon	
			N	Mín.	Máx.	M	DP	Z	P
DC	Distração/Hiperatividade	*pré-teste*	4	25,0	90,0	57,5	28,43	-0,816	0,414
		pós-teste	4	25,0	85,0	66,3	27,80		
	Reforço aos Pais	*pré-teste*	4	75,0	99,0	91,0	10,83	-1,461	0,144
		pós-teste	4	55,0	99,0	77,3	20,66		
	Humor	*pré-teste*	4	50,0	85,0	68,8	14,93	-0,730	0,465
		pós-teste	4	25,0	99,0	53,5	35,71		
	Aceitação	*pré-teste*	4	25,0	95,0	68,8	30,92	-0,368	0,713
		pós-teste	4	25,0	95,0	66,3	34,73		
	Maleabilidade	*pré-teste*	4	30,0	90,0	66,3	25,61	0,000	1,000
		pós-teste	4	10,0	95,0	66,3	38,37		
DP	Exigência	*pré-teste*	4	60,0	99,0	74,6	18,71	-0,535	0,593
		pós-teste	4	20,0	99,0	67,3	37,24		
	Sentido de competência	*pré-teste*	4	60,0	99,0	79,8	16,43	0,000	1,000
		pós-teste	4	45,0	95,0	78,8	23,58		
	Vinculação	*pré-teste*	4	45,0	95,0	70,0	28,86	0,000	1,000
		pós-teste	4	10,0	95,0	57,5	35,70		
	Restrições de papel	*pré-teste*	4	25,0	95,0	71,3	33,00	-0,736	0,461
		pós-teste	4	1,0	90,0	36,5	40,40		
	Depressão	*pré-teste*	4	65,0	95,0	85,0	14,14	-0,736	0,461

	pós-teste	4	20,0	95,0	62,5	31,75		
Relação marido/mulher	*pré-teste*	4	15,0	99,0	61,0	40,17	-0,816	0,414
	pós-teste	4	40,0	99,0	75,8	28,72		
Isolamento Social	*pré-teste*	4	25,0	95,0	66,3	32,75	-0,365	0,715
	pós-teste	4	35,0	99,0	66,0	35,83		
Saúde	*pré-teste*	4	15,0	85,0	55,0	30,27	-0,921	0,357
	pós-teste	4	40,0	90,0	68,8	21,74		

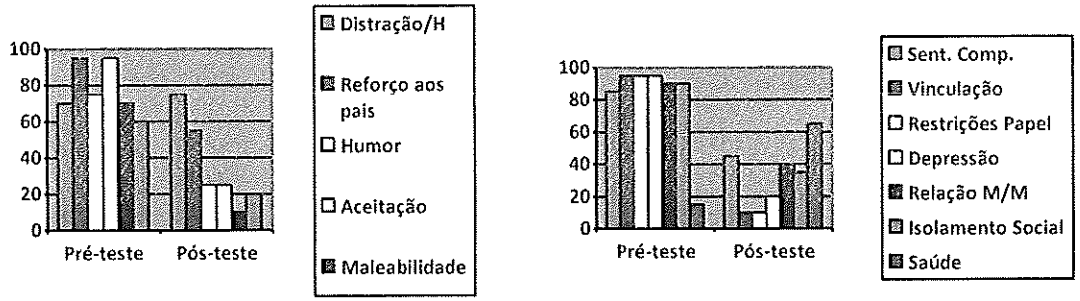
Verificamos que genericamente as médias obtidas pelos sujeitos nas subescalas do ISP encontram-se no intervalo considerado normal, ou seja, entre o percentil 15 e 85. No entanto, as médias obtidas na avaliação inicial nas subescalas reforço aos pais e depressão situam-se, respetivamente, acima do intervalo normal e no ponto de corte.

Entre os dois momentos de avaliação existem 7 subescalas que evidenciam diminuições nos valores médios de stress parental, nomeadamente reforço aos pais, humor, exigência, sentido de competência, vinculação, restrições de papel e depressão. Porém, como era expetável pelo reduzido número de participantes, através da análise do quadro é possível verificar que essas diferenças não são estatisticamente significativas.

Mais uma vez serão apresentados os resultados do ISP para cada sujeito. Nesta fase, iremos observar apenas os resultados de quatro participantes, uma vez que, não foi possível analisar os do sujeito 2 devido a um problema informático não solucionado em tempo útil.

Inicialmente são apresentados na figura 6 os resultados obtidos pelo sujeito 1 no ISP.

Figura 6. Comparação dos resultados do sujeito 1 entre o pré-teste e o pós-teste no DC e DP.

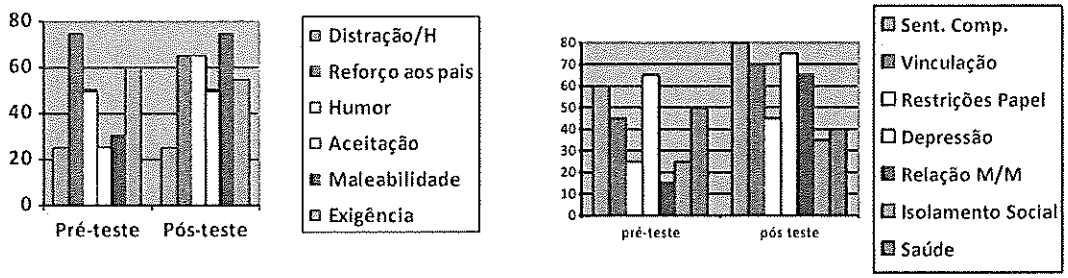


No DC, o sujeito 1 evidencia uma diminuição dos valores referentes ao stress parental em todas as escalas com exceção da subescala distração/hiperatividade que registou um aumento ($M_{pré\text{-}teste}$70; $M_{pós\text{-}teste}$=75). Quanto ao DP verificamos que numa fase avaliação inicial, seis subescalas situavam-se numa zona crítica acima do intervalo normal (percentil 15-85), no entanto após o programa, esses valores médios encontravam-se dentro da normalidade.

ISBN: 978-989-8525-13-0

Seguidamente são apresentados na figura 7 os resultados obtidos pelo sujeito 3 no ISP.

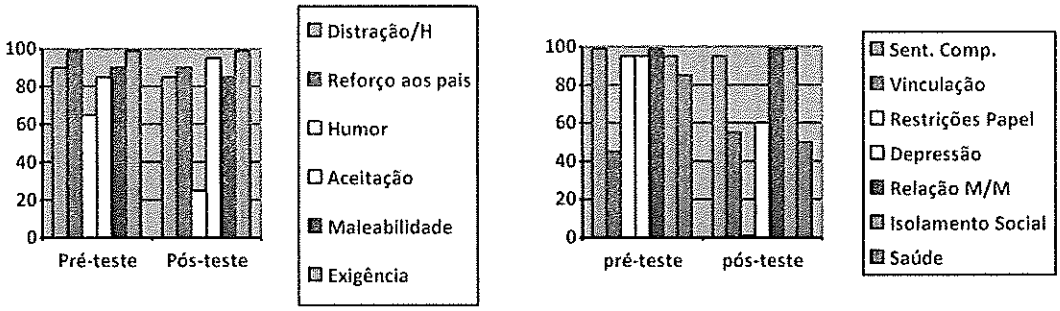
Figura 7. Comparação do sujeito 3 entre o pré-teste e o pós-teste no DC e DP.



É possível verificar a ocorrência de várias oscilações de nos níveis de stress parental nos dois domínios. Destacamos a diminuição dos valores médios no DC nas subescalas reforço aos pais e exigência. Quando aos valores médios obtidos pelo sujeito no DP há em todas as subescalas um aumento no índice de stress parental, com exceção da subescala saúde.

De seguida, são apresentados na figura 8 os resultados obtidos pelo sujeito 4 no ISP.

Figura 8. Comparação do sujeito 4 entre o pré-teste e o pós-teste no DC e DP.

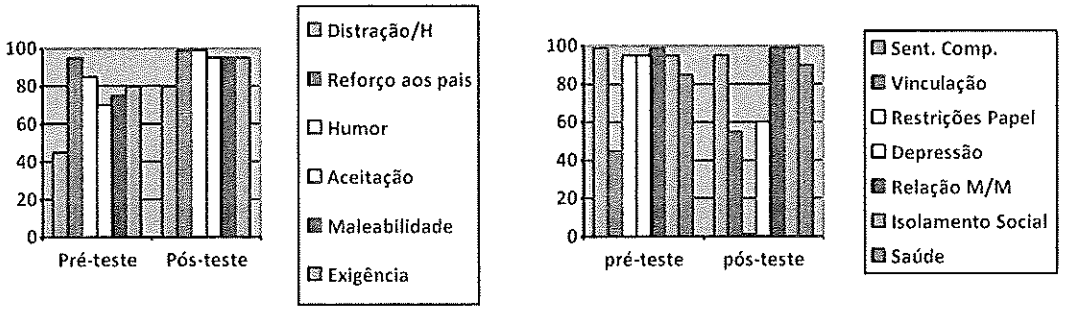


Constatamos que existe alguma manutenção dos resultados obtidos nos dois momentos de avaliação. No entanto, verificamos mudanças positivas na diminuição do índice de stress parental na subescala humor no DC, e nas subescalas restrições de papel e saúde no DP. As restantes subescalas nos dois domínios encontram-se na zona crítica acima do intervalo normal tanto na avaliação inicial como após o programa.

Por fim, são apresentados na figura 8 os resultados obtidos pelo sujeito 5 no ISP.

ISBN: 978-989-8525-13-0

Figura 9. Comparação do sujeito 5 entre o pré-teste e o pós-teste no DC e DP.



Através da figura, observamos que o sujeito registou um aumento no índice de stress parental em ambos os domínios apesar da frequência do programa, no exceção das subescalas restrições de papel e depressão no DP. Estes resultados podem ser explicados pelo aumento significativo do percentil referente à escala opcional stress de vida (que não apresentámos neste estudo mas que analisámos para este sujeito), que atingiu valores acima do intervalo normal, indicando que o sujeito perceciona algumas circunstâncias, externas à relação mãe-filho, como geradoras de stress.

Discussão de resultados e considerações finais

Embora os estilos parentais tenham alguma estabilidade temporal o que pode tornar as mudanças de estilos a curto prazo menos percetíveis (Bornstein & Bornestein, 2007) é possível verificar uma mudança de estilo parental em três sujeitos. Estas mudanças indicam que os sujeitos, após a participação no programa, atribuíram mais importância aos aspetos relacionais, confrontando os filhos com regras e limites e, em simultâneo, criando também um clima de afeto e suporte emocional.

Além disso, tanto na avaliação inicial como final, o estilo parental autoritativo obteve vários médios superiores em relação aos restantes estilos, sobretudo em alguns sujeitos, o que é coerente com os resultados obtidos noutros estudos (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Os estudos demonstram que pais com níveis mais elevados de stress têm uma maior tendência para recorrer a estratégias permissivas e/ou autoritárias, o que se verificou na fase inicial com o sujeito 1 e 3 que apresentam elevados níveis de stress e adotavam estilos parentais não autoritativos (Sousa, 2005). A redução do índice de stress parental verificada poderá ter facilitado a modificação de estilo parental.

Depois de realizarmos esta intervenção parece-nos que, realmente, os programas de formação parental podem auxiliar os pais no exercício da parentalidade, através da troca de experiências e reflexão, e reforçando as forças e as capacidades dos pais (Coutinho, 2003). A modificação

ISBN: 978-989-8525-13-0

ao nível dos estilos parentais, com a passagem de um estilo permissivo e autoritário para um estilo mais autoritativo foi um dos contributos do programa de formação parental junto de alguns pais. Além disso, através do programa foi possível desenvolver algumas estratégias de *coping* para lidar com o stress junto dos pais com características que os colocam no grupo de alta prioridade na intervenção deste tipo, como aconteceu também no estudo de Xavier (2011).

Este tipo de investigação, sobre uma forma específica de intervenção, pode contribuir para o aumento do conhecimento na área e fornecer uma base mais sólida para implementar e adequar futuras ações junto desta população, pertencente a um contexto rural, em estreita colaboração com o sistema escolar.

Referências

Abidin, R. (2003). *Manual Índice de Stress Parental*. Lisboa: CEGOC-TEA.

Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A.T., Brandão, M.T., Cruz, O., Gaspar, M.F., & Santos, M.R. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental: Relatório 2007 - 2010*.Universidade do Minho e Universidade do Porto.

Baião, R. (2009). *Stress parental e prematuridade* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Baltazar, R. (2009). *Stress parental em mães de crianças com enurese e com encoprese* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology, 4(*1), 1-103.

Bornstein L. & Bornstein, M.H. (2007). *Parenting styles and child social development. Child Development and Care, 163*, 79-106.

Costa, F., Teixeira, M., & Gomes, W. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar os estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*, 465-473.

Coutinho, M. (2003). Formação parental: Avaliação do impacto na família. *Psicologia, 17*(1), 227-244.

Coutinho, M. (2004). Apoio à família e formação parental. *Análise Psicológica, 22*(1), 55-64.

Cruz, O., & Ducharne, M. A. (2006). Intervenção na Parentalidade: O caso especifico da formação de pais. *Revista galego-portuguesa de Psicologia e Educação, 11*(13), 295-308.

Direção Regional de Estatística da Madeira. (2011). *Censos 2011: Resultados preliminares*. Retirado de http://estatistica.gov-madeira.pt/DRE_SRPC/EmFoco/Populacao_Sociedade/Demografia/Censos/Emfoco.htm.

Ferreira, L. (2008). *Co-construir o tempo: Avaliação de um curso de formação parental e parentalidade masculina positiva em contexto de risco* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa, Lisboa.

Honig, A. S. (2000). Raising happy achieving children in the new millenium. *Early Monographs, 4*, 1-102.

López, M., Quintana, J., & Chaves, M. (2010). *Vivir la adolescência en família: Programa de apoyo psicoeducativo para promover a convivência familiar*. Universidad de La Laguna, Tenerife.

Mann, B. (2008). What *works for whom? Promising practices in parenting education*. Ottawa: Canadian Association of Family Resource Programs.

Ribeiro, M. (2003). *Ser família: Construção, implementação e avaliação de um programa de educação parental* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Braga.

Robinson, C. C., Mandleco, B., Olsen, S.F., & Hart, C.H. (2001). The parenting styles and dimensions questionnaire. In B.F. Perlmutter, J. Touliatos, & G.W.Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques* (3ª ed., pp. 319 – 321). Thoand Oaks: Sage.

Santos, S. (1992). Adaptação portuguesa, para crianças em idade escolar, do Parenting Stress Índex (PSI): Resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Psicologia, 28*, 115-132.

Santos, S. (2008). *Estilos educativos e práticas educativas parentais: o controlo do visionamento televisivo em crianças de idade pré-escolar* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto Editora.

Xavier, J. (2011). *Educação parental: O significado da participação no Grupo Laços de Inclusão* (Dissertação de mestrado). Universidade da Madeira, Madeira.

voltar ao índice